

O teorema da narrativa

Há muitas maneiras de contar a história da ascensão de líderes populistas dessa variedade nova iniciada por Donald Trump e que se alastrou por diferentes continentes. Narrativas e redes sociais sempre fazem parte das explicações.

Mas mesmo antes de Trump a palavra “narrativa” vinha ganhando estranha popularidade, quase sempre para expressar uma velha máxima do jornalismo político: a versão importa mais que o fato.

Entretanto, essa simples ideia de aspecto inocente, se transformou em um fenômeno nefasto na Era Trump: a “pós-Verdade”, foi a palavra do ano para o Dicionário Oxford em 2016.

Mas porque exatamente esse conceito contagiou tanta gente e tão profundamente?

A explicação tem a ver com um tema antigo e intrigante, a popularidade da pseudociência.

Por que as pessoas acreditam em astrologia, homeopatia, terraplanismo, vida emocional das plantas, abdução por alienígenas, entre tantos temas que os cientistas se recusam a levar a sério?

Três respostas:

- (i) são coisas para as quais é difícil, ou inútil organizar uma refutação (ou uma prova) simples e conclusiva, e fácil de montar uma conspiração;
- (ii) são credos inofensivos; e
- (iii) que apelam às ansiedades e emoções das pessoas, frequentemente lhes dando uma sensação de inserção em um grupo de iniciados portadores da Verdade.

Agora vamos ao enunciado de um teorema: quando uma narrativa sem pé nem cabeça é afirmada pela liderança política e atende a essas três condições (todas as três, não apenas uma ou duas) diz-se que se constituiu a chamada “pós-Verdade”.

Segue-se que o indivíduo testará positivo quanto à doença de pós-Verdade quando for pilhado apoiando ou propagando a ideia pela qual não existe a Ciência, apenas a narrativa, sendo que vai valer a que tiver mais clicadas.

É fácil ver que a pós-Verdade foi fundamental para a construção política e sucesso eleitoral de líderes desse populismo do século XXI, pela direita e pela esquerda.

Não se imaginava que a pandemia pudesse ser um choque muito fundamental para esse *modus operandi*, mas é o que temos, uma vez que, na pandemia, as condições essenciais para o curso tranquilo da pós-Verdade não mais se verificam. É tolo, além de ser irresponsável, tratar uma emergência médica como se a doença fosse “narrativa”. Não se pode tratar a Covid-19 chamando o especialista em *marketing* digital.

O teorema das narrativas deixa de ter validade porque 2 de suas 3 premissas deixam de valer: (i) as comprovações são possíveis, ou seja, é simples organizar uma refutação simples e conclusiva das virtudes milagrosas da cloroquina, por exemplo, como das insanidades que se espalha sobre vacinas; mas, fundamentalmente porque (ii) o negacionismo deixou de ser um credo inofensivo, uma mera diferença de opinião, sem consequência, a estupidez mata.

Continua sendo verdadeiro que é fácil inventar uma conspiração e que a crença na liderança apela às ansiedades e emoções das pessoas e lhes dá uma sensação de pertencimento a um grupo de iniciados. A Guerra Cultural determina em que metade do estádio você vai sentar, no meio da torcida, docemente constringido a não discrepar do que se passa à sua volta. Assim é a vida em sociedade, ainda mais com redes sociais funcionando como torcidas organizadas.

Por isso ainda existem tantos americanos que acreditam que a eleição foi “armada” e brasileiros que acreditam nas loucuras que chegam pela *internet* sobre vacinas.

A mitologia populista se vê destruída quando as comprovações são possíveis e quando a “narrativa alternativa” deixa de ser um credo inofensivo. A cretinice é um direito constitucionalmente assegurado (salve Nelson Rodrigues), mas desde que não fira o vizinho. Quando o faz, há um outro elemento que agrava sobremodo a situação de líderes que exageraram em “narrativas alternativas”: a responsabilização.

Se a liderança sustentou um credo comprovadamente falso e que causou danos às pessoas: como não haver responsabilização pelo ocorrido?